

PALMAS – A HISTÓRIA VIVA NO CERRADO

PALMAS – A LIVE HISTORY IN THE CERRADOS ENVIRONMENT

COCOZZA, Glauco de Paula

Professor assistente da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: gcocozza@uft.edu.br

RESUMO

Em poucas cidades do Brasil a história é tão recente como em Palmas, confundindo passado e presente de uma maneira peculiar, onde a relação tempo-espço ocorre de uma forma diferenciada, viva, dominada pela transformação rápida da paisagem natural e da conformação do cenário urbano.

O que se vê em Palmas é a participação de cada cidadão nesta história, contada não somente por fatos e registros, mas pela apropriação cotidiana do espaço urbano. É a história da dominação sobre o espaço natural, principalmente dos equívocos iniciais desta relação, produzindo um contexto ambiental não condizente com a potencialidade da região. Este trabalho traça um panorama do desenvolvimento histórico da paisagem de Palmas, demonstrando a história de projetos de espaços livres no contexto da cidade.

Palavras-chave: Cultura, palmas, espaço público.

ABSTRACT

In few Brazilian cities the history is so recent as Palmas, confounding past and present in a singular way, occurring a distinguished time-space relation, alive, dominated by the fast transformation of the natural landscape and the configuration of urban scenery.

What we can see in Palmas is the participation of each citizen in this history, not narrated only by facts and registers, but by the urban space quotidian appropriation. Is the natural space domination history, mainly the initial mistake of this relation, producing an environmental context unsuitable with the regional potentiality. This work delineates a historic view of Palmas landscape development, showing the open space design history in the city context.

Key words: Culture, palmas, public space.

Introdução

A última capital planejada brasileira apresenta uma importante relação entre espaço construído e paisagem. A construção do espaço, a formação de lugares e a grande quantidade de projetos elaborados para a capital fazem dela um laboratório da arquitetura paisagística brasileira, e entender o processo de implantação da cidade é uma das ferramentas para constituir novas políticas de ocupação territorial.

As diretrizes traçadas pelo grupo 4¹ beneficiaram a constituição de inúmeros espaços livres destinados a projetos paisagísticos, criando uma cidade com um grande potencial de inovação e experimentação de novas propostas e conceitos condizentes com a identidade de uma nova cidade.

A grande quantidade de projetos elaborados para praças, canteiros centrais e laterais, parques, rotatórias – símbolo da organização viária do plano – e outros, conta uma história que ainda está sendo traçada, apresentando um arcabouço teórico-prático importante para o ensino do

paisagismo nas escolas regionais e nacionais. Este ensino necessita de subsídios que alimente o conhecimento e incentive a investigação de cada aluno para o entendimento do suporte histórico na sua prática profissional, condicionando-o a agente e não só espectador deste processo.

A recente história nos permite uma compreensão mais próxima dos acontecimentos, não só pela relação tempo e espaço, mas pela vivência e ação das transformações da cidade que ocorre em ritmo acelerado e através de ações do cotidiano de cada morador.

O paisagismo e o plano

Na história do urbanismo, nos deparamos com alguns casos, em diferentes épocas e concepções, com cidades planejadas, idealizadas seguindo conceitos vigentes em determinados períodos e que acabam sendo incorporadas pelo seletivo grupo de estudo que as trata de modo diferenciado, no que tange a ocupação territorial e implantação de seu projeto urbano.

Cidades Planejadas tiveram e têm grande importância dentro do contexto teórico, pois aplicavam na prática, ideais e instrumentos urbanísticos em situações onde o principal foco é o ordenamento urbano, legitimado pelo traço de muitos arquitetos e urbanistas que detiveram a responsabilidade de criação de algo que a humanidade, nas cidades tradicionais, fez surgir por inúmeras razões e necessidades.

Cada plano trouxe consigo um conjunto de propostas que orientavam a vida, o lazer, o trabalho, os deslocamentos que cada habitante poderia ou deveria exercer em um cenário urbano geralmente separado por funções, cabendo ordená-las de modo a criar condições para a diversidade urbana condizente com determinadas situações. Geralmente a criação de uma cidade se faz presente em um contexto para ocupação territorial de determinadas regiões, implantando áreas que exerçam os papéis administrativos, produtivos e de acomodação de habitantes, em um novo espaço capaz de gerar condições de sobrevivência e trabalho.

Como escopo de alguns planos, o paisagismo sempre representou um elo entre o espaço destinado à constituição de áreas urbanizadas com a natureza, existente ou projetada, proposta para melhorar a qualidade de vida urbana e prover a sua população múltiplas áreas de lazer, sociabilidade e contemplação. Os projetos paisagísticos muitas vezes foram legitimados pelo plano que incorporavam ao traçado zonas de preservação e áreas destinadas a espaços livres, configurando o potencial de criação de inúmeros cenários e experiências que se somam a outras para o estudo da história do paisagismo.

Palmas, a mais nova capital planejada se insere neste contexto. Projetada para ser um ícone de modernidade em pleno cerrado brasileiro, em seus poucos anos de vida, a pedra fundamental da cidade foi lançada em 1989, já apresenta dados e elementos que podem configurar uma história da cidade e dos projetos paisagísticos.

Essa história caminha passo a passo com a transformação e o desenvolvimento urbano da cidade, presente em cada abertura de quadra, em cada avenida e rua, na transformação da paisagem causada pela construção do lago, pela conformação dos espaços pelo homem e também pelo paisagismo que se destaca em meio a tanta improvisação e símbolos de construção do urbano, é uma história viva.

A história da relação com a paisagem começa com a escolha do terreno onde seria implantada a nova capital, amparada não só em laudos técnicos, mas pela percepção da potencialidade da paisagem local para as futuras áreas livres da cidade. Fundos de vales, encosta da serra, um declive em direção ao futuro lago, proporcionavam uma base física importante para a idealização do plano.

Se assim a história começava a se desenvolver como plano, a implantação sofreu um processo que transformou definitivamente os rumos da região. A paisagem sofreu uma rápida e brusca

modificação, alterando parte dos princípios idealizados pelo plano, necessitando de projetos paisagísticos que costurassem a nova geografia da cidade.

Estudar este processo de ocupação é uma tarefa diferenciada em Palmas. Ela já foi estipulada, prevista para ser respeitada pelos gestores. Porém muitas variantes modificaram e a transformaram em um laboratório de pesquisa onde o papel da história tem um papel decisivo no entendimento da relação homem-natureza, e projeto-espço.

A modificação, a reconstrução da história

A pequena porção de cerrado na qual Palmas está locada, se comparada com o tamanho da extensão do cerrado no centro-oeste e norte do Brasil, apresenta uma riqueza ecossistêmica de grande valor paisagístico. Ela não só é a história de Palmas, como a memória viva que se mantêm em algumas áreas ainda intocadas da cidade. Mesmo com a grande destruição promovida pelas empreiteiras para a implantação da cidade, corpos d'água, fauna e flora típica da região, matas de galeria, ainda fazem parte do patrimônio ambiental da cidade, apresentando aos moradores que vieram de outras regiões do Brasil, parte da natureza que compõem o cerrado.



Figura 1: Áreas de preservação no plano diretor de Palmas

Quando foi planejada, o movimento ambientalista fazia-se ouvir em vários pontos do mundo, orientando alguns pontos na concepção da cidade, baseada em alguns pressupostos desta nova preocupação. A técnica de implantação resguardava os recursos naturais fundamentais para o equilíbrio urbano e previa sistemas de infra-estruturas menos impactantes ao solo e ao tecido urbano.

Essas boas iniciativas se perderam em parte com o processo de ocupação do território da cidade, começando assim uma história de confronto entre cidade e natureza. Desprovida de qualquer tipo de intervenção que lembrasse uma praça ou um parque, a ocupação inicial se deu em duas vertentes. Primeiro pela forma espontânea que alguns espaços da capital foram constituídos e o segundo pelo desmatamento feroz do cerrado para uma intervenção humana aos moldes de padrões paisagísticos de outras regiões do Brasil.

A primeira forma nasce pela força popular, principalmente nas periferias que se formavam isolada do centro administrativo, e que por isso seriam destinadas a camadas menos favorecidas. Esses espaços não resistiram ao tempo, mas deixou marcas na forma de apropriação do espaço, onde as ruas, terrenos ainda desocupados e áreas destinadas a projetos de praças representam uma forma de sociabilidade dos moradores de algumas áreas da capital.

Em contrapartida, o grande marco geográfico da cidade, a Praça dos Girassóis e os entroncamentos da Avenida JK e Teotônio Segurado seguiam o modelo de terra arrasada que deixou profundas feridas na paisagem e nos projetos que foram desenvolvidos para os espaços livres da região. A substituição da vegetação nativa alterou a história, produziu modelos e o referencial de projeto paisagístico da cidade, marcando as futuras intervenções no espaço urbano e o olhar sob o cerrado. A consciência ambiental foi aumentando à medida que os problemas em decorrência de tal ocorrido no passado afetavam o presente da cidade.

As experiências passadas são a memória viva de uma relação de conflito com o espaço em Palmas. A destruição inicial deu lugar à preservação de áreas com potencial paisagístico e ambiental, os projetos sem nenhuma relação com o contexto estão sendo substituídos por novos modelos de ocupação, e a crescente demanda por projetos paisagísticos revela a importância do estudo e da preservação desta história tão recente.

Aprender com erros não é uma exclusividade de Palmas, e muito menos no nosso contexto urbano, porém o palco é muito mais presente e vivo, transformado diariamente pela ação humana; através do plano que direciona as transformações e pela força da sociedade que se apropria e intervém no espaço público de diferentes modos.

A relação entre história e ambiente não se restringe somente ao ecossistema do cerrado e a transformação que este teve com a implantação da cidade, mas toda a dinâmica cultural que se formou neste curto espaço de tempo e que se insere na prática profissional e no ensino do paisagismo, em um estado onde a história ao mesmo tempo é passado e presente.

O ensino de história e projetos de paisagismo

A Dificuldade de referências históricas práticas pode ser considerado o principal problema do ensino de paisagismo em uma nova capital e que surgiu de uma visão contemporânea de espaço e de cidade. Essa não é tangível pela parte conceitual, assim como acontece em diversas universidades em que a cidade não apresenta tais correspondentes reais, mas pela experiência vivida de espaços pelos alunos, que se alimentam de uma diversidade de projetos referentes apenas à experiência contemporânea brasileira.

O ensino da história do paisagismo se dá então sob outro olhar, o da incorporação dos valores ambientais e da paisagem cultural como patrimônio existente, e pela grande quantidade de intervenções no decorrer de um curto tempo que possibilita o estudo da transformação do espaço pela ação dos pioneiros que abriram os caminhos para a construção da cidade.

A história do paisagismo se mistura com a história da própria cidade, reforçada pelo grande apelo ambiental em que esta inserida e pela força do plano, que ganha uma dimensão física essencial e determinante junto aos espaços livres.

“Trabalhar sobre o espaço, porém, é trabalhar sobre a memória e a história, é construir o simbólico que permite vê-lo como manifestação do público, estrutura social plural e coletiva e não apenas o imaginário, reflexo de desejos e interesses privados das minorias.” (LEITE, M. A. F. P., 1998)

Dentro desta ótica, a Praça dos Girassóis se coloca como a principal referência histórica da cidade. É onde tudo começa. Ponto referencial do traçado, pedra fundamental da cidade e a sede do poder, fazem deste local o principal ícone paisagístico da cidade. A sua história começa no plano e segue através de intervenções que alteraram sua geometria e sua proposta inicial, adequando-a a novas necessidades conforme a cidade se expandia.

O papel de marco para a sociedade não se alterou, pelo contrário, se consolidou através do projeto, que intensificou o papel cívico e monumental da praça, com uma diversidade de programas que amplia o uso cotidiano pelos moradores. A falta de uma arborização adequada impede

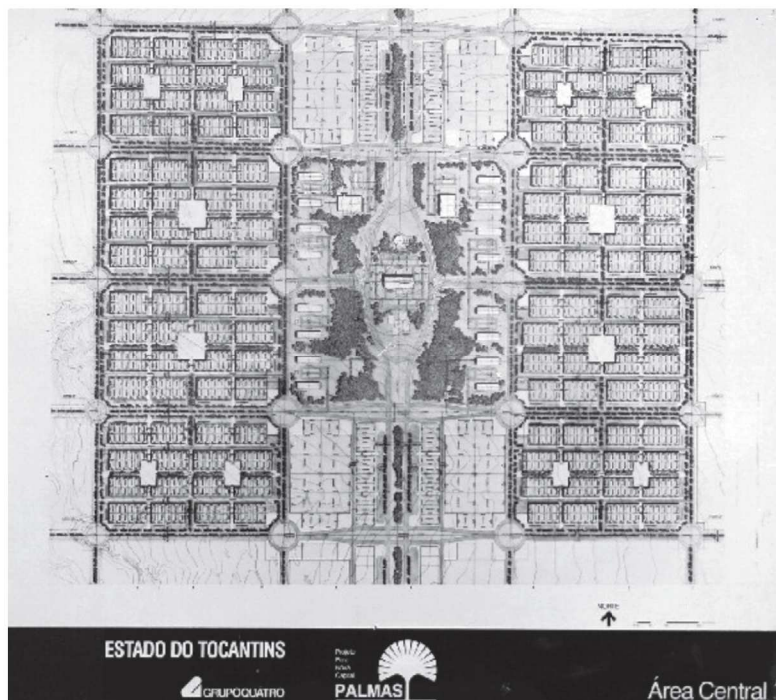


Figura 2: Plano original do Grupo 4 para a Praça do Girassóis e entorno. Percebe-se a constituição de uma grande massa verde nas áreas livres

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura, 2005



Figura 3: A Praça sem nenhuma vegetação, fruto da implantação que retirou toda a vegetação existente do local para posterior implantação dos projetos paisagísticos

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura, 2005

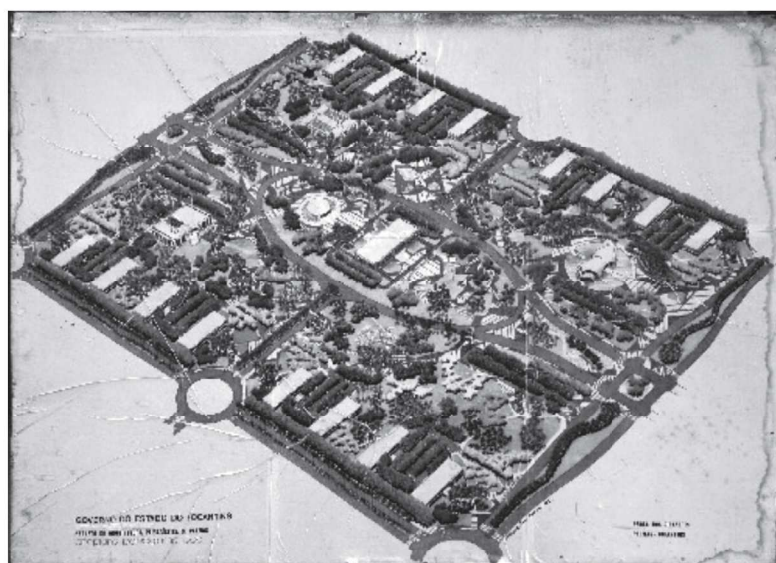


Figura 4: Proposta ganhadora do concurso público para o paisagismo da Praça dos Girassóis

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura, 2005

que a praça obtenha uma maior eficiência no seu uso, não sombreando os locais destinados ao percurso e permanência, e se tratando de uma cidade onde a média anual de temperatura é 27° C, este fato é crucial para elaboração de um projeto paisagístico.



Figura 5: Praça dos Girassóis tomada pelos girassóis que seriam a marca do governo e que a partir daí torna-se o símbolo do estado

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura, 2005

A praça também retrata a interferência dos gestores públicos na construção dos espaços livres. Projetada de uma determinada maneira pelo Grupo 4, foi manipulada inicialmente pelo então governador, Siqueira Campos, para representar o progresso e conquista de uma novo tempo, plantando em toda extensão girassóis, símbolo de uma prosperidade pretendida e prometida pelo Estado. Neste período foi feito um concurso público de âmbito nacional para o projeto paisagístico da praça, cujo ganhador, o escritório Arqplant do Rio de Janeiro, não viu seu projeto ser implantado. A necessidade de retirar o sistema viário da praça fez surgir um novo projeto, elaborado pela secretaria de infra-estrutura do estado sob o comando do arquiteto Silênio Camargo.

Este novo projeto sintetiza no espaço o tempo e a memória da cidade, com monumentos que remetem a história do estado, com os principais atores que fizeram parte da luta pela liberdade

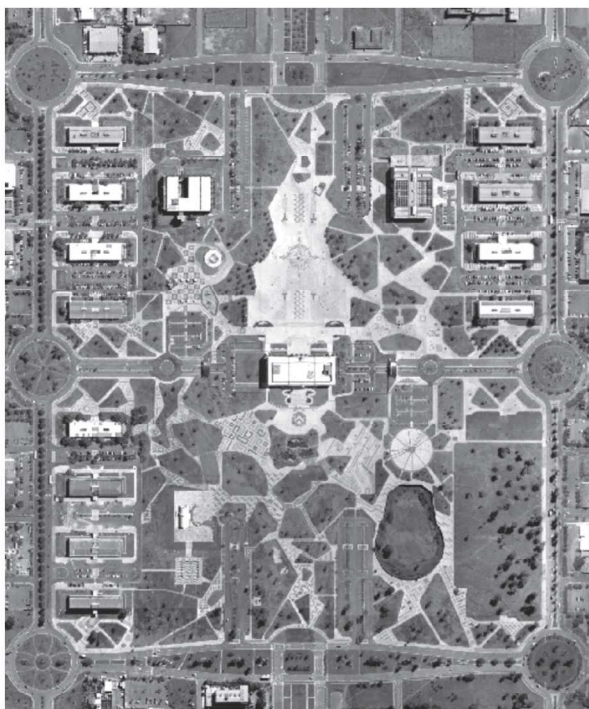


Figura 6: Foto aérea da Praça dos Girassóis na atualidade. O eixo viário foi eliminado e a quantidade de caminhos indica uma preocupação com a ligação entre as diversas atividades existentes na praça.

Percebe-se também a carência de arborização adequada as condições térmicas da cidade, possibilitando um sombreamento mais eficaz

Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação de Palmas, 2005

no âmbito regional e até nacional, como o Memorial Coluna Prestes, projeto de Oscar Niemayer, homenageando a passagem deste importante personagem brasileiro pelo então norte de Goiás. As etnias indígenas também foram lembradas no desenho do piso, demarcando com pedras portuguesas o grafismo típico dos quatro grupos existentes no estado.

Essa história é ao mesmo tempo constituída de fatos reais e fatos simbólicos, produzidos, criados no imaginário para firmar uma sociedade enraizada em valores condizentes com a ideologia criada para atrair moradores de outros estados, o da oportunidade, do progresso e principalmente de um novo projeto de futuro. Ela reflete uma dinâmica urbana na qual Palmas está inserida. Mesmo planejada, há uma necessidade de reconstrução e apropriação do espaço na busca de uma identidade, e o paisagismo tem um papel decisivo nesta por ser o espaço livre o grande articulador desta relação.

A herança cultural no espaço é refletida pelas formas de apropriação dos habitantes nativos da região Centro-Oeste e Norte do Brasil, onde a ocupação das margens do rio é o principal elemento de integração com o espaço natural. Isso ocorreu no início de Palmas, com a praia da Graciosa, presente na memória dos habitantes que viviam lá antes da construção do lago e da ponte que liga a outra margem do rio. Uma nova praia da graciosa foi construída, agora na orla da cidade, e pouco restou do aspecto cultural da anterior, porém determina o início da ocupação da área voltada para o lago, construindo uma nova história para a cidade.



*Figura 7: Antiga praia da Graciosa na beira do Rio Tocantins. A ocupação é familiar às formas de apropriação das margens de rios na região centro-oeste e norte do Brasil
Fonte: Secretaria Municipal de Cultura, 2005*

Neste caso, estudar a história dos projetos paisagísticos da cidade, requer um olhar abrangente do contexto socioeconômico pelo qual a cidade foi constituída, englobando os fatores culturais determinantes para a consolidação da paisagem de uma nova capital. A história não é só para ser contada, mas extraída e compreendida para gerar subsídios de entendimento do presente, auxiliando o ensino da arquitetura da paisagem no estudo de problemas relacionados com o espaço.

Conclusão

Se toda ação gera uma reação, a idéia de construir uma cidade é o início de um processo cujos fatos resumirão os modos, estilos e modelos de constituição do espaço urbano, alimentando a nossa teoria e prática da relação entre história e projeto de paisagismo. Vivenciada, ela se faz presente no cotidiano de cada morador, contada não somente por registros e fatos que a colocam em uma estante a espera de possíveis interessados, mas de modo mais expressivo, visível e perceptível a todos os atores que nela atuam.

Desmistificar a história como algo estático e somente de um determinado período é função dos responsáveis pela transmissão deste conhecimento, de modo que o presente seja não só justificado pelas ações passadas, mas faça parte de um conjunto de ações fundamentais para a proposição de novos paradigmas do paisagismo.

Nota

(1) Escritório de arquitetura responsável pelo plano diretor de Palmas.

Bibliografia

ARANTES, OTÍLIA. A ideologia do lugar público. In: *O lugar da arquitetura depois dos modernos*. São Paulo: Edusp, 1993.

CARLOS, ANA FANI ALESSANDRI. *A (Re) produção do espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1994.

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. Os lugares invisíveis. *Paisagem e Ambiente: Ensaios*. São Paulo: FAUUSP, n. 100-107, 1998.

REVISTA PROJETO, n. 146, out. 1991.